



Todas as imagens utilizadas em nosso Especial são do acervo da PROCIT|UFPE e mostram edifícios e paisagens da universidade em diferentes momentos de sua história

especial os sentidos da universidade

DE ILHA A PLANETA EM REDE

Entre a imagem utópica de uma ilha de sabedoria e sua presença virtual em rede global, o conhecimento humano se reúne e se espalha na universidade

Fábio Lucas

Jornalista e editorialista do Jornal do Commercio.
Mestre em Filosofia pela UFPE

HOUE UM LONGO PERÍODO NA HISTÓRIA humana – quase todo o tempo em que habitamos a Terra – em que a obtenção da informação não era fácil, e muito menos sua transmissão. As linguagens eram diferentes e desconhecidas. O tempo dos deslocamentos físicos era imenso, e a informação, como os viajantes, demorava a circular e chegar aos lugares. E, quando chegava, poucos eram os letrados que podiam aproveitá-la: o conhecimento não passava de um conjunto de códigos indecifráveis para a maioria das pessoas.

A educação, não por acaso, vestiu-se de utopia, depois de se instalar como privilégio nas civilizações antigas e mesmo no início da modernidade, apenas alguns séculos atrás. Utopia libertária, desde a primeira grande imagem platônica do mito da caverna, no qual a escravidão

se confunde com a ignorância. E a missão do filósofo que se desprende dos grilhões da ilusão e do obscurantismo – das sombras na parede – é voltar à caverna após descobrir a luz do lado de fora, para resgatar os que se mantêm presos, de olhos vidrados numa realidade falsa e manipulada.

Em 1516, Thomas Morus publica a sua *Utopia*. A razão é exaltada como base de uma sociedade justa e democrática. Mas ali a educação ainda é para poucos, destinada aos que sobressaem com aptidões específicas, revelando inclinação ao estudo. Na ilha da utopia de Morus, o saber é ilhado, reservado a uma diminuta fatia da população – aliás, como na *República* de Platão. Pouco mais de um século mais tarde, em 1623, Tommaso Campanella publica *A cidade do sol*, em que o fascínio pela descoberta e o

entusiasmo pela novidade tecnológica despontam na condição de propulsores da vontade de conhecer. A gente daquela cidade – os solarianos – podia voar, dominava o clima e vivia além dos cem anos de idade. Num trecho que ressalta o valor da velocidade dos acontecimentos e da cultura livresca, Campanella escreve: “Dizem eles que, em nossos dias, num período de cem anos, acontecem mais fatos dignos de história do que nos quatro mil anos do mundo anterior, e que maior número de livros foram publicados neste último século do que nos cinquenta passados”.

Na visão de Campanella, a educação deve ser para todos, embora os detentores de conhecimento inovador sejam cercados por homenagens, e o surgimento de uma elite baseada no conhecimento não se descarte. A formação dos cidadãos é função do aprendizado democrático exposto nos muros da cidade. Na maior parte do dia, os solarianos estudam, reservando um período limitado de quatro horas para o trabalho. A sociedade é governada pelos mais sábios – numa herança indisfarçada do ideal platônico.

Na mesma época, Francis Bacon traz ao mundo a inspiração da Casa de Salomão e da cidade de Bensalém, na ilha utópica descrita em *A nova Atlântida*, de 1624. “Essa obra foi escrita contra a desesperança no progresso da ciência e o sentimento de que sonhos são impossíveis, que para Bacon eram os grandes obstáculos ao avanço do conhecimento. Assim, sua utopia deve ser vista como uma forma de tentar ensinar os homens a desejar, mostrando a eles o que seria possível com sua força”, explica Bernardo Jefferson de Oliveira, da

UFMG, em artigo para a revista de filosofia *Kriterion*, em dezembro de 2002. “O desejo é encarnado numa sociedade harmônica, feliz e próspera, com fascinantes inovações que facilitam a vida dos cidadãos. A força humana aparece na organização social para o desenvolvimento da nova ciência, que, além de redirecionada para objetivos úteis, institucionalizaria suas virtudes (como a da investigação cooperada e do progresso contínuo), superando as limitações humanas (como a de que a vida é curta e a arte é longa) e renovando as esperanças”, resume Jefferson de Oliveira.

DA CAVERNA À CIDADE DA LUZ

Se tomarmos emprestados os arquétipos das utopias, a universidade emerge como a caverna onde a humanidade se liberta – uma espécie de anticaverna, ou o lugar iluminado pelo sol do esclarecimento, que Campanella transforma, do exterior da caverna platônica, em cidade socialmente fundada na educação. A universidade seria, assim, também, a materialização da cidade fictícia de Campanella: um lugar onde o que importa é o grau do saber, em que a sua disseminação é aberta e desejável para o desenvolvimento pessoal e coletivo. É o lugar onde todas as realizações se tornam possíveis ao espírito humano, exatamente como persegue, para a Casa de Salomão, a filosofia baconiana do *Novum Organon* ilustrada na obra *A nova Atlântida*. Precursor do Iluminismo e tido como um dos principais ideólogos da ciência, Francis Bacon oferece elementos fundamentais para a compreensão da noção de universidade, na ótica da organização, manipulação e transmissão do conhecimento. Sob a luz

de Platão, Campanella e Bacon, a universidade aparece como a ilha que salva os naufragos e proporciona o sentido verdadeiro da vida.

A primeira universidade ocidental surge no ano de 1088, em Bolonha, na Itália – portanto mais de quatro séculos antes das representações criadas pelos autores utópicos citados. Como lembra Umberto Eco, no texto *Por que as universidades?*, a atração de Bolonha reuniu cientistas, pesquisadores e estudantes em torno de uma identidade europeia nascente – e esse marco pode, sim, ao lado de outras antigas universidades, ter servido de fonte à criatividade dos utopistas.

Para Eco, as universidades respondem pela formação de identidades que extrapolam sua localização geográfica, correspondendo hoje a identidades regionais, nacionais e globais. Aproveitando o gancho do autor de *O nome da rosa*, vale mencionar que a UFPE, ao celebrar 70 anos, pode ser inscrita como uma referência para o estado de Pernambuco, a região Nordeste, o Brasil e a América Latina, a depender do ponto de vista que se prefira.

Na “aldeia global” de Marshall McLuhan, teórico canadense que cunhou a expressão certa, o papel da construção de identidades não se descola da universidade. Além disso, cumpre ao ambiente universitário, segundo Umberto Eco, oferecer a acolhida a visões plurais, deixando que o silêncio da reflexão faça o seu trabalho, em oposição à cacofonia das polêmicas do lado de fora. Para ele, “A universidade ainda é o lugar em que podem proliferar confrontos e discussões, ideias melhores por um mundo melhor, o reforço e a

defesa de valores fundantes universais, não ordenados nas estantes de uma biblioteca, mas difundidos e propagados pelos meios os mais distintos”.

Das primeiras universidades europeias até a chegada de instituições recentes – como a UFPE –, a imagem do lugar utópico de encontro e desenvolvimento de saberes ganhou espaço na sociedade, embora esse espaço seja cada vez mais alvo de discussões em decorrência, entre outras coisas, do avanço da tecnologia da comunicação que desmaterializa a informação, transformando os arquivos físicos em arquivos virtuais ao alcance de qualquer um conectado à internet. Mesmo assim, o avanço é inegável. “Nada na vida social se dá de modo contínuo, sobretudo quando consideramos grandes lapsos de tempo. Todavia, precisamos reconhecer que nossa sociedade (e, por nossa, quero fazer referência às modernas sociedades constituídas nos últimos dois ou três séculos no Ocidente) tem conferido crescente valor ao conhecimento científico-racional. As universidades são os *loci* por excelência de produção de tal conhecimento”, afirma o professor Flávio Weinstein, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE, para a revista *Estudos Universitários*. “Em nosso mundo contemporâneo, costumamos atribuir à Ciência (essa entidade mítica) poderes quase transcendentais – da mesma maneira como em tempos passados atribuíamos a Deus esse poder de verdade absoluta das coisas. Nesse sentido, talvez possamos dizer que a importância das universidades venha num crescendo”.

Tal importância deve ser posta em linha justamente contra a aura divina de



Construção da Prefeitura da Cidade Universitária

um conhecimento absoluto. Ou a universidade é a cidade iluminada pela dúvida, ou não se sustenta como a caverna das certezas acumuladas pelo espírito humano. Se a educação deixou de ser um não-lugar, na imaginação clássica e moderna, para se tornar um objeto virtual e ubíquo, na civilização contemporânea essa facilidade para a divulgação também há de ser encarada como oportunidade ao questionamento.

18

“Já não existe espaço para uma universidade fechada sobre si, surda e muda em relação aos conflitos sociais, aos problemas da desigualdade de raça, gênero ou classe. Nossos alunos hoje nos impõem a necessidade de falar de conflitos e problemas para os quais dificilmente encontramos respostas já dadas nos textos clássicos. Somos obrigados a repensar e a refletir constantemente

sobre nossa própria formação”, admite a argentina Sandra Caponi, professora titular do Departamento de Sociologia da UFSC. “A universidade é um espaço de construção, transmissão e divulgação de saberes, porém, os saberes e verdades não são eternos e a-históricos. Saberes e verdades existem em contextos históricos precisos. De modo que se a tarefa da universidade se limita à transmissão de saberes, pouco teremos a ganhar. Teremos que dar um passo a mais que nem sempre é bem aceito. A universidade deveria ser também o espaço por excelência para questionar verdades aceitas como naturais e permanentes, para observar de que modo essas verdades foram produzidas e legitimadas, quais são os espaços de validação desse conhecimento, e quais são suas dificuldades e limites. Veremos então que não é possível falar

de construção e consolidação de saberes e verdades sem que exista antes um exercício reflexivo de entendimento de como essas verdades foram historicamente construídas”, explica Caponi.

“O papel essencial de qualquer universidade é, de meu ponto de vista, a formação de pessoal qualificado a pensar e produzir conhecimento. Portanto, necessariamente, questionador das verdades estabelecidas. De outro modo, teremos apenas reprodutores do já sabido”, concorda Flávio Weinstein. “Ora, todo exercício de um saber que questiona o estabelecido, que procura colocá-lo em suspeição para poder ‘avançar’ em direção a um saber mais refinado, é, por definição, um pensamento crítico, inconformista. Seja sob que forma for, a formação que a universidade proporciona deve buscar despertar esse inconformismo, essa disposição de não se satisfazer com o estado atual das coisas”.

A professora da UFSC dá um exemplo de uso social de um saber, a genética, para mostrar o valor do espírito reflexivo. “A genética foi e é utilizada pelas avós da Praça de Maio para achar seus netos desaparecidos. Já são 120 netos recuperados de 500 netos desaparecidos, auxiliando desse modo num processo de conquista de direitos e recuperação de identidades. Mas também, durante muitos anos, pobres argumentos baseados em estudos genéticos malconstruídos, ou em árvores genealógicas sem nenhum fundamento, levaram à exclusão e até ao aniquilamento de indivíduos que supostamente padeceriam de doenças transmissíveis, loucura hereditária ou degenerações congênitas”, compara Caponi. “No primeiro caso, a ciência age

como aliada à conquista de espaços de liberdade. No segundo, como modo de exclusão e legitimação do encerramento psiquiátrico e do estigma social. Esse exercício não pode ser feito nem com a religião, nem com a magia, onde as verdades são postas sem discussão, onde os argumentos não têm lugar, onde do que se trata é de aceitar sem pensar”.

Sim, a tecnologia avançada, que é a consequência do aprimoramento científico, pode não diferir da magia a um certo olhar, como definiu o autor inglês de ficção científica Arthur C. Clarke. Mas a verdade científica está sempre em xeque, em constante mutação – o que nem sempre é aceito pelos produtores e baluartes dessa verdade, que tendem a se comportar mais como eruditos das cavernas do que como filósofos de uma cidade-luz.

AMBIVALÊNCIA MODERNIZANTE

É aí que o lugar da universidade na sociedade ganha relevo, pois o próprio estabelecimento da academia e suas prerrogativas de atuação podem revelar inconsistências, ou conflitos, na universidade transposta do plano ideal para o real. “Há uma ambivalência no processo da universidade na esteira de um projeto de modernização”, explica o professor de filosofia Filipe Campello, também do CFCH da UFPE. “Para além de um processo crescente de racionalização, vejo a universidade também com um papel do que entendo por formação dos afeitos: assim como outros espaços, como a escola, ambientes de trabalho, participação política ou até a própria cidade, o ambiente universitário permite um contato com opiniões divergentes, com

a diferença, fundamentais para consolidação de uma convivência democrática dentro do que se entende por um 'pluralismo razoável'. Esse sentido de uma formação ampla da crítica impõe-se num projeto de se repensar a educação hoje – como os movimentos que vemos hoje no Brasil de reação às tentativas de se impor uma concepção tecnocrata de educação a partir do esvaziamento da crítica e da reflexão”, defende Campello, um dos organizadores do livro *Modernizações ambivalentes: perspectivas interdisciplinares e transnacionais*, recém-lançado pela Editora UFPE.

Vale a pena recordar Michel Foucault, cuja tarefa foi definida de um modo muito simples como “fazer um uso filosófico da história”, ou seja, mostrar a fragilidade de certos saberes analisando as condições históricas de sua emergência, de acordo com a professora Sandra Caponi. “Às vezes me parece que existem leituras e usos muito apressados de Foucault, limitando o alcance de suas contribuições teóricas. Lembremos Foucault quando afirma: ‘Mas o que é filosofar hoje em dia, senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consiste em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente, em vez de legitimar o que já se sabe? [...]’. Olhar, pensar, perceber e refletir adotam, então, um sentido novo: a paciente leitura dos documentos, o conhecimento histórico das condições de produção e emergência dos saberes e verdades aceitos, a pesquisa em arquivos, enfim, uma tarefa que não é nada fácil. Porém esse recuo histórico é indispensável para poder pensar diferentemente, em lugar de

legitimar, repetir e transmitir o que já se sabe”, avalia Caponi.

No exame do papel da universidade em face dos caminhos abertos pela contemporaneidade, é preciso igualmente recuar, e buscar a crítica do que se fez nas últimas décadas. Em especial, no caso brasileiro. Para Filipe Campello, é possível identificar uma ambiguidade no projeto de universidade no Brasil. “Em primeiro lugar, juntamente com uma proposta, em si mesma necessária, de inclusão e descentralização do ensino superior, houve uma tendência de terceirização que o deixou cada vez mais a cargo das instituições privadas, através de incentivos robustos. O resultado disso não poderia ser outro: nivelamento por baixo dos salários, massificação do ensino, aumento expressivo da quantidade em detrimento da qualidade, entre outras consequências nocivas. Em segundo lugar, ao mesmo tempo que se tentou voltar a atenção a um déficit de formação de professores – que, com razão, precisava ser sanado –, isso foi entendido como se fosse o escopo prioritário da universidade. E isso para mim é um grande equívoco. A universidade tornou-se uma máquina de formar professores de ensino médio. E isso é muito claro no caso do Curso de Filosofia: enquanto minguaram bolsas de iniciação à pesquisa e incentivo à formação de pesquisadores, proliferaram bolsas de iniciação à docência, incentivos a cursos de ensino a distância, ênfase em cursos de licenciatura com uma carga horária excessiva de disciplinas ligadas à educação etc. Há algum tempo, posicionei-me em um debate sobre o papel da filosofia, em que defendi que a universidade deveria

“

Já não existe espaço para uma universidade fechada sobre si, surda e muda em relação aos conflitos sociais, aos problemas da desigualdade de raça, gênero ou classe

continuar sendo um lugar privilegiado de formação não só de professores de filosofia, mas de filósofos”, enfatiza Campello, mirando na recuperação do posicionamento crítico dentro dos muros da universidade.

A ambivalência atinge em cheio a autoimagem da cidade da luz, que se pretende motor de transformações que reverberem na sociedade. Mas a necessidade de um contato efetivo entre a academia e o restante do corpo social de que faz parte continua sendo uma questão mal-resolvida em várias partes do mundo, e, com evidência, no Brasil. Para o filósofo e ex-ministro da Educação Renato Janine Ribeiro, para que a transformação social venha a ser resultante do papel da universidade, o interesse do meio acadêmico pela sociedade tem que ser fortalecido, ao mesmo tempo que

a sociedade procure no ambiente universitário a solução para os problemas.

Renato Janine vê preconceitos e falta de disposição na contribuição da comunidade acadêmica para o alcance de um crescimento econômico sustentável e com inclusão social no país. “Uma boa parte do meio acadêmico não tem noção sequer de como funciona o sistema econômico capitalista, que é o sistema que predomina amplamente no mundo todo. E pensa que não existe produção de valor, que o valor se encontra. Outra parte, tanto da universidade como da sociedade, é reticente a valores de direitos sociais. A universidade tem que ser capaz de fazer projetos para isso”, critica o ex-ministro. E dá uma sugestão: “Um ponto que é muito simples em teoria é cada universidade saber exatamente quais são as deficiências



22 sociais e as potencialidades econômicas da região. Se você apostar nas potencialidades econômicas, você pode ter uma maneira de enfrentar as dificuldades sociais”, argumenta Janine. “Não dá para nos iludirmos. O Brasil coloca 6% do PIB na educação, é o mesmo percentual que a Alemanha. Mas a Alemanha tem um PIB *per capita* cinco vezes maior que o nosso. Então, para chegarmos ao investimento alemão, temos que melhorar o PIB, multiplicá-lo por cinco. O crescimento econômico é absolutamente necessário”.

Além da capacidade crítica, portanto, o ambiente universitário deve contar com a mistura do conhecimento de ponta com a consciência social. “Precisamos ter uma universidade que seja forte em tecnologia, em ciência, para gerar desenvolvimento econômico. Mas, ao mesmo

tempo, as pessoas que fazem isso devem ter uma noção de como é a sociedade, como é a desigualdade social. Costumo dizer: você tem que entender a produção da riqueza, onde a economia é importante, e a produção da pobreza, onde a sociologia nos ajuda muito a entender. E fazer com que a produção da riqueza permita inibir a produção da pobreza, e reverter isso”.

O ex-ministro da Educação postula ainda um papel de mediação para a universidade. “No Brasil, o papel da universidade é muito variado, conforme o estado, mas não é um papel garantido: ela precisa mostrar que tem o que dizer. Hoje, o Brasil está rachado politicamente. A universidade, para contribuir, tem que contribuir para superar o racha”, acredita Renato Janine. “A universidade tem que ser uma ponte entre a economia



Biblioteca do CCS/UFPE

e a sociedade”. Mas a relação entre economia e sociedade, no Brasil atual, empaca no confronto político, na visão de Renato Janine. “Ou nós vamos ser capazes de sair das posições extremas, ou vai ser muito difícil a universidade cumprir o papel que ela pode ter – na verdade, o papel que ela pode ter melhor do que qualquer outro ator”.

Um papel que retorna, de algum modo, às utopias de Bacon, Morus e Campanella, que ampliaram a visão platônica do poder do conhecimento sobre a natureza humana. Na salvação pelo conhecimento, no esclarecimento para a libertação, a missão do filósofo platônico se confunde com o papel da universidade. “A universidade deve adotar para si o mesmo papel que Sócrates desempenhava na *polis*: mostrar nossa ignorância e a fragilidade dos saberes

que são ensinados como certos, permanentes e sem fissuras”, diz Sandra Caponi. “Entender que as relações de saber supõem relações de força, mas também mostrar que podemos construir-nos a nós mesmos como sujeitos livres e autônomos, ainda que devamos falar de uma autonomia limitada, com certa capacidade para dar respostas diversas àquilo que acontece no mundo e com nós mesmos; auxiliar na formação de cidadãos com capacidade de escolha argumentativa e reflexiva, sujeitos capazes de entender que o racismo, o machismo, o fundamentalismo religioso ou as diversas formas de exclusão social só contribuem para contaminar as relações humanas talvez constituam a maior contribuição que a universidade pode dar aos futuros profissionais das diversas áreas de formação”. 